

Carnavais, malandros e heróis

Por Anderson Pimentel

Em “Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema”, Roberto Damatta propõe uma interpretação do carnaval não como “um reflexo direto de sua estrutura social”, mas como um “comentário complicado a ser observado”. Para isso, embasa-se na dialética de Marx. Assim, o sociólogo definirá dois lugares opostos, no entanto, complementares: a casa e a rua. A rua é o lugar do “descontrole e massificação”. Já a casa é o lugar onde se opera “o controle e o autoritarismo.”

É no carnaval, portanto na rua, que acontece uma grande inversão de costumes: os três dias de folia são marcados pelo contrário, pela alegria e pelo excesso. Tudo é permitido. O carnaval de 2021 foi, por razões óbvias, adiado para julho. O que nos deixa um pouco mais aliviados. Aliviados?

Em duas ocasiões, o carnaval no Brasil foi adiado: em 1892 e em 1912. Em ambas as datas, as festas foram comemoradas a despeito do adiamento. A primeira prorrogação teve como argumento um fator sanitário: segundo as autoridades, o evento produzia muito lixo. Na segunda vez, o carnaval foi adiado pela ocasião da morte de Rio Branco, importante figura na política brasileira, principalmente nas relações exteriores. Assim, o país se resguardou em luto – ou parte dele.

Me preocupa, caro leitor, que algumas pessoas não respeitem o adiamento do folião carnavalesco desse ano, o qual deve depor a máscara – com o perdão do trocadilho. Considero que o que deva haver de fato é o cancelamento do carnaval em 2021, e não só o adiamento. A história tem muito que ensinar, mas teimamos em não levá-la a sério.

Mesmo com os bons ventos trazidos pela notícia de uma vacina próxima, comemorar o carnaval é muito perigoso: primeiro, porque a vacina tem mais de uma dose, o que não significa imunização imediata; segundo, porque a logística de sua distribuição é complexa – considerando a vasta extensão do país, vacina-se primeiro um grupo de pessoas, depois outro, o que demanda tempo, recursos humanos e econômicos, e, claro, paciência.



Não nos entreguemos à festa de Momo. Resistamos às tentações de Baco. Gozemos das lembranças de outros carnavais, onde a morte era menos personagem do que alegoria. E, se há dialética entre a rua e a casa, pode haver também na arte? Eu cá não perco ocasião de folia, mas minha marchinha não tem motivos de alegria no presente. Canto-a no agora, no entanto, porque, como escreveu Álvaro de Campos: “canto, e canto o presente, e também o passado e o futuro, porque o presente é todo o passado e todo o futuro, e há Platão e Virgílio dentro das máquinas e das luzes elétricas”. Então, leitor, essa é a minha catarse dos carnavais anteriores materializados no momento atual. Cantemos a alegria do passado e a tristeza presente, como Manuel Bandeira em seu “Epílogo” do livro Carnaval:

Eu quis um dia, como Schumann, compor
Um carnaval todo subjetivo:
Um carnaval em que só o motivo
Fosse o meu próprio ser interior...
Quando acabei – a diferença que havia!
O de Schumann é um poema cheio de amor,
E de frescura, e de mocidade...
E o meu tinha a morta morta-cor
Da senilidade e da amargura...
– O meu Carnaval sem nenhuma alegria!...

